

**Je ne fay rien
sans
Gayeté**

(Montaigne, Des livres)

**Ex Libris
José Mindlin**

Nótulas Bibliográficas

WALTER SPALDING

O Rio Grandê do Sul não possuía nenhum poemeto campestre substancial antes do aparecimento de «Antônio Chimango», de Amaro Juvenal. Pode-se dizer que o gênero, que já então consagrara Hernández com seu «Martin Fierro», nasceu no Rio Grande com Ramiro Barcellos ao lançar a sátira política que o consagrou e imortalizou o personagem atingido. Assim, «Antônio Chimango» ficou sendo o único poemeto campestre gaúcho. Depois apareceu «Chimangadas», de Piá do Sul, e «História de Dom Chimango», de Homero Prates. A seguir: «A Volta de Antônio Chimango», de Desidério, e a «Continuação de Antônio Chimango», por Juvenal, o Moço. Todos, como se vê, inspirados no primeiro, de Amaro Juvenal (Ramiro Barcellos). Todos, porém, passaram, deixando leves memórias, enquanto o original de Ramiro continua despertando interesse e sendo reeditado, após uma série de edições clandestinas.

Com Balbino Marques da Rocha surgiu, verdadeiramente, o segundo grande poemeto campestre — «A Estância de Dom Sarmento» — que foi precedido pelo belo poemeto de Zeca Blau — «Trovos da Estância do Abandono de Dona Brasília Comarca». Depois, apareceu o poema do peão de estância, de Hugo Ramirez — «Sangão da Fronteira», e agora surge novamente o Dr. Balbino Marques da Rocha com novo poema — «A MUDANÇA DO PORTELA», — que veio continuar a senda gloriosa de seu primeiro poemeto.

Simple, espontâneo, natural, esta nova obra do Sr. Marques da Rocha consagra-o definitivamente. Tomando por tema a mudança da Caixa dos Ferroviários, descreve, em deliciosas estrofes de pura cepa regional, não apenas a mudança em si, mas fotografa, caricaturalmente, todos os seus colegas, transportando-os, assim, para as páginas da História da Medicina do Rio Grande do Sul.

Se o Dr. Balbino Marques da Rocha conseguiu com «A Estância de Dom Sarmento» sobrepujar em certas passagens o poema clássico de Amaro Juvenal, em «A Mudança do Portela» atinge pontos mais elevados, com originalidade e, sobretudo, com grande precisão regionalista. É, sem favor, um grande poema. A estrofe dedicatória que escreveu no volume que o Dr. Balbino teve a gentileza de nos mandar é a justificativa do poema, além de ser pequena jóia dessa poesia visceralmente humana que compõe todo o volume:

... Mas um dia, por se acaso,
quando a saudade cutuca,
a gente sacode a poeira,
correndo a mão pela «hílera»
bota o sombrero na nuca,
desata a voz da cordeona
... que a Deus pertence o destino,
e a lembrança é o sebo fino
que amacia uma carona.

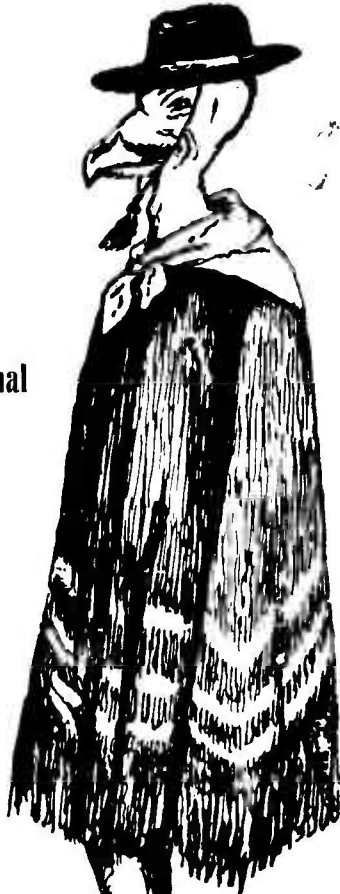
«A Mudança do Portela» é, pois, um produto da saudade, da saudade de outros tempos, saudade que o obrigou a «abrir o peito» e cantar, dedilhando o teclado da acordeona, os bons dias e bons momentos que viveu entre os colegas da Caixa dos Ferroviários, aproveitando para mote a mudança «do Portela».

Antonio Chimango

Poemeto
Campestre

POR

Amaro Juvenal



1915

Porto Alegre

2.^a Edição

A. Juvenal

A. Juvenal

para o
olinto, bem
do

AO RIO GRANDE

M. Spat

1874/44°

OFFERTA

Velho gaúcho — Insaciavel
De fazer aos mandões guerra
Nestas paginas encerra,
Por um pendor invencivel,
Seu amor — Incorrigivel
A's tradições desta terra

AMARO JUVENAL.

PORTO ALEGRE.

PRIMEIRA RONDA

I

*Antes da entrada do sol
Estava a tropa encerrada,
A porteira bem atada
Com cuidado e segurança;
Não vinha lá muito mansa
E era recém apartada,*

II

*A cavallada em repente
Na costa ás um alambrado,
Deixou-se apenas pegado,
P'ra não se ficar de a pé
Um redomão pangaré
Que vinha um tanto aplastado,*

III

*Antes que ficasse escuro
As camas foi-se prranjando
C'os arretos e tratando
De ver lenha p'ra o fogão,
Que um bom fogo é o galardão
De um pobre que anda tropeando.*

IV

*Carneou-se até o município
Era um tourita brazino
Gordacho e de pello fino,
Que repontava o matambre;
Fez-se um bandão de fiambre,
Ninguém foi n' isso mofino.*

V

*Comeu-se carne a la farta,
Depois veio o chimarrão
Correndo de mão em mão;
Té que a agua se acabasse
E a tropa se acomodasse
Se foi fazendo serão,*

VI

*Um piú já bem taludo,
No ponto de assentar praça,
Disse ansim, meio por graça
"Isto é ronda relamboria,
Quem quer contar uma historia
Por um trago de cachaça?"*

VII

*"Pois vá passan'lo a botija,
P'ra que se lhe sinta o cheiro;
Ainda está muito terneiro
P'a bater aspa com outro;
No meio de tanto potro
Ha de encontrar um parceiro"*

VIII

*E puzando o barbicacho,
Pondo o chapéo para a nuca,
Como quem sente a mutua,
Levantou-se o tio Lauterio,
Mulato velho mui serio,
Cria de dona Maruca.*

IX

*Foi logo dircito aos troços,
Trouxe de lá o instormento,
Ficou pensando um momento,
E, se aprumando direito,
O Lauterio abriu o pcito
E assim cantou ao relento:*

X

*Para les contar a vida
Saco da mala o bandonio,
A vida de um tal Antonio
Chimango — por sobrenome,
Magro como lobishome,
Mesquinho como o demonio,*

XI

Nos cerros de Caçapava
Foi que viu a luz do dia,
A hora d'Ave Maria,
De uma tarde meio suja;
Logo cantou a coruja
Em honra de quem nasceia.

XII

Veio ao mundo tão flaquite,
Tão esmirrado e chochinho
Que, ao fimado seu padrinho,
Disse espantada a comadre:
“Virgem do céu, Santo Padre!
Isto é gente o passarinho?”

XIII

Você parteira não sabe?
Isto logo se descobre:
Terneiro de campo pobre
Não tem quartos nem papada,
E' producção desgraçada,
Que não vale nem um cobre.

XIV

Coitadinho, está tremendo,
Sente frio o peregrino.
“Qual sente frio, isto é seca,
Metta o gury na gamella,
Dê-le uns tirões na canella,
P'ra que não fique guaipeca.

XV

Sahiu roxinho de frio,
Assim meio encarangado,
Como um pintinho pestado
Sahiu debaixo da gotteira;
E o embrulhou a parteira
N'uns paninhos de riscado.

XVI

C' um naco de marmelada,
Que tirou de una caixeta,
Arranjou-lhe uma chupeta
Que l'entroxou pela bocca;
E, escondidinho na touca,
Chupou, fazendo careta.

XVII

C'o aquelle doce nos queixos
Acudiu logo o mosquedo,
Foi aprendendo bem cedo
Que, quem tem doce p'ra dar,
Fica logo popular,
Todo o mundo aponta a dedo.

XVIII

Inda aos tres annos mamava
E só dizia: — teteia,
N'uma magreza mui feia,
Quasi como a se sumir,
P'ra dar um passo ou subir
Era só por mão alheia.

XIX

Mesmo ansim tão fanadinho,
Pescoço cheio de figas,
Levado por mãos amigas
E a benção dos seus padrinhos,
Foi crescendo aos bocadinhos,
Cheio de manha e lombrigas.

XX

Então, por aquelles tempos,
Já faz d'isso um rôr de annos,
Uma tropa de ciganos
Acampou--se muito a gosto,
Ali por perto do posto,
N'um toldo feito de pannos.

XXI

Logo na manhã seguinte,
Uma mulher grande e forte,
Porém, mais feia que a morte,
N'um passinho de carancho,
Veiu entrando pelo rancho
Diz-que p'ra tirar a sorte.

XXII

Principiou a cigana
Exigindo um caudieiro,
Um pellego de carneiro,
E uma guampa d'agua fria;
Mas, o que ella mais pedia
E' que le dessem dinheiro.

XXIII

Queimava lá do pellego,
Assoprava na fumaça,
E, ansim, e'o aquella trapaça
E seus ares de maluca,
Armava a sua urupuca,
Nada fazia do graça.

XXIV

A's meninas les dizia
Coisas de seus namorados,
A's velhas de seus peccados,
Committidos n'outras eras,
No bamborral das taperas,
Ou no fundo dos cercados.

XXV

Chegada a vez do Chimango,
Deu a mãosinha com medo;
E ella ansim, meio em segredo,
Numa lingua atravessada,
Dando uma grande risada,
Disse, apontando e'o dedo:

XXVI

Virabosta é preguiçoso,
Mas velhaco passarinho;
P'ra não fazer o seu ninho
Se apossa do ninho alheio;
Este ha dé, segundo creio,
Seguir o mesmo caminho.

XXVII

Cobra é bicho traçoeiro,
Guarachaim disfarçado;
Quando se sente pegado
Deita e se finge de morto;
Matreiro é o novilho torto,
Que se esconde no banhado.

XXVIII

A herva de passarinho
E' praga mui conhecida
E tão mal agradecida
A's arves em que se nutre,
Que, mais feroz que um abutre,
Mata as que le dão á vida.

XXIX

O pescador se aproveita
Da minhoca bicho atôa,
Tambem muita gente bôa
Se serve da mão canhota,
De um couro se faz pelota,
Quando não se tem canoa

XXX

Ninguem se fie, portanto
Neste tambreiro mansinho;
E o digo porque advinho
E percebo muito bem
Na linha torta que tem
Perto do dedo minguinho.

XXXI

Este, pois, que aqui se vê
C'um geitinho de raposa,
Parece um Mané de Souza,
Mas, isto é só na apparencia;
Inda ha de ter excellencia,
Inda ha de ser grande coisa.

XXXII

Ansim fallou a cigana
E toda a gente se ria
Das bobages que dizia
Sobre a sorte do miudo;
Amigos, aquillo tudo
Tinha de ser algum dia.

SEGUNDA RONDA

XXXIII

*A tropa foi se deitando,
Pouco a pouco e socegou
Quando o capataz mandou:
—Ronda larga e á vontade,
Que com folga e liberdade
Nunca o boi se alvorotou.*

XXXIV

*Não tinha havido desconto,
Gado mui bem conduzido.
Sobre tudo bem bebido,
Pastando em marcha e repente;
Até passou n'uma ponte
Sem mesmo ter percebido.*

XXXV

*Ninguém lamenta o tropeiro
Porque leva a vida ingrata,
Se na vida se maltrata
Tem muita compensação:
Tropa mansa, bom rincão,
Ronda com luar de prata.*

XXXVI

*Ansím pois que nesta noite
Foi grande o contentamento:
Tempo lindo, nenhum vento,
Matte e carne com fartura,
Lenha secca e agua pura
Não faltou no acampamento.*

XXXVII

*Em derredor do fogão
Cada qual foi se ageitando,
Uns nas caronas deitando,
No lombilho outros sentados,
Dois ou tres acocorados,
Qu'inda estavam churrasqueando.*

XXXVIII

*Vinha chegando o Lauterio
E apeou-se do tubuno,
"Chegue-se velho toruno,"
Foi gritando o plásote:
"Eu não gosto de ditote,
"Nem sou matungo reiuno,*

XXXIX

*"Vá se chegando p'ra ronda,
"Que eu acabei o meu quarto;
"De comer deve estar farto,
"Vá cuidar da obrigação,
"E' do índio a incrinação
"Levar vida de lagarto,*

XL

*"Não se apotre amigo velho,
Qu'eu não sou índio do matto;
E não é qualquer mulato
Que me governa no mais.
Só me manda o capataz.
Não peão velho barato."*

XLI

*"Índio, tu não me conheces,
Fedelho não me dá tombo;
Te está comichando o lombo,
Mas, não penses que este velho
Não pode metter-te o relho
Como em negro de quilombo".*

XLII

*O rolo ta sendo preto,
Mas toda a gente interveio
E metheu-se pelo meio;
Que nenhum era bem péco
O mulato um dente seoco,
O índio não dava rodeio,*

XLIII

*O caboco foi pr'a ronda
De vagar e resmungando;
E o Lauterio se acalmando:
"Dar n'um gury não é gloria,
Vamos continuar a historia
Que hontem les vinha contando.*

XLIV

Tinha já mudado os dentes
E andava de camisola
O Chimango, um tromanzola,
Molhava á noite o pellego;
Tinha medo de morecego,
Corria vendo pistola.

XLV

No meio da guryxada,
Quando brincava de laço,
Era o Chimango o paiaço,
Nunca acertava um pealo;
E se montava a cavallo
—Não troteava...era no passo.

XLVI

Andava sempre atempado:
Volta e meia... era churrio,
Pontadas pelo vazio,
Dôr de barriga, enxaqueca,
Catapora, tosse secca...
Mas, nunca tinha fastio.

XLVII

Isso então...era um alarme!
Feijão, milho assado, mel,
Cangica, rolão, pastel...
Tudo, tudo elle topava;
Parece que sempre andava
A's voltas c'o Raphael.

XLVIII

Diz que era fome canina,
Que o rapazinho soffria;
Por isso, n'um certo dia,
Foi levado na garupa
A um bahiano, um tal Chalupa
Que applicava mãopathia.

XLIX

Examinou bem a frente,
Depois a parte contraria
E disse: a molestia é varia,
Como diz a medicina;
Se não é fome canina,
Não passa de solitaria.

L

E' um bicho que dá na tripa,
Com parecença de cobra,
Comprido e cheio de dobra
Com muita escaminha branca,
Que de vereda se arranca
Dando semente de abobra.

LI

Mas, p'ra que produza effeito,
Antes de dar a semente,
Ha de ficar o doente
Uns tres dias sem comer;
Expremente e ha de ver
Qu'isto é um remedio valente.

LII

A esta voz de não comer
O gury abriu a bocca,
Ficou como coisa louca,
Se arranhou, ficou puava;
Fez um salseiro, gritava,
Que até ficou e'o a voz rouca.

LIII

Brabinho como um zorrilho
Com grande marceriação
Até levantou a mão
P'ra o bahiano e le quiz dar
Foi preciso o ameaçar
C'o a bainha do facão.

LIV

Uma semana depois
De ter tomado a semente,
O diabrête, mui contente,
Sahiu lá de traz do forno
Trazendo dentro d'um cornu
O que o fazia doente.

LV

Era ansim como um cadarço,
Vancês nem fazem ideia;
Tinha seis braças e meia
E mais dois parmós e pico.
Na minha vida, chômico,
Nunca vi coisa mais feia.

LVI

Livre da tal solitaria,
O Chimango guareceu;
Não engordou, mas cresceu
E ficou mais espertinho;
Foi p'ra casa do padrinho
Que de pena o recebeu.

LVII

Na Estancia havia uma escola
Pr'ós filhos da peonada;
Escola mui relaxada;
O mestre um velho borracho,
Que punha livros abaixo,
Mas, pouco ensinava ou nada.

LVIII

O'uma carta de a b c,
 Feita com letra de mão,
 Grudada n'um papelão,
 E sentado na tripeça,
 Por este modo cômega
 O mestre a dâr-le a lição:

LIX

Este é o A, primeira letra,
 Que conhecer muito importa;
 Veja bem que não é torta;
 E' a primeira que se ataca,
 Tem um feitio de barraca
 O'um pau cruzado na porta.

LX

Esta é B, tem dois mamullos,
 E, para nunca esquecel-o,
 Lembre-se d'um pessuelo
 Na garupa atravessado,
 Um bolço p'ra cada lado
 E um travessão p'ra sustel-o.

LXI

Menino, preste attenção;
 Não se ponha a olhar p'ra rua
 Que o metto já na cafu'a;
 Entende, vossa mercê?
 Est'outra letra é o C;
 A forma é de meia-lua.

LXII

E, ansím por diante, ensinando
 As lettras e' o a parecença.
 Era esta a maior sabença
 D'aquelle mestre d' escola.
 Um grande bocó de mola,
 Digo, sem fazer-le offensa.

LXIII

Levou tempos o Chimango,
Ru'im como a carne de pá,
Pra sahir do b-a-bá
E chegar ao a-m-ão,
Não era por vadiação,
A cabeça é que era má.

LXIV

Já estava apontando o buço,
Começava a fallar grosso;
Foi na escola um alvoroço,
Que o Chimango ficou tonto,
Quando o mestre o deu por prompto,
Por estar ficando um moço.

TERCEIRA RONDA

LXV

*Do meio dia p'ra tarde
Se foi o tempo arruinando,
Soprava de quando em quando
Um vento quente do norte,
Ansim é que muda a sorte
De um pobre que anda tropeando.*

LXVI

*Dia quente, de mormaço;
A gente vinha abombada;
Custou-me a achar uma aguada,
Onde o boi bebesse a gosto
E era já quasi sol posto,
Não se tinha andado nada.*

LXVII

*Lá p'ras bandas do poente
Formou-se uma barra escura,
A felicidade não dura
E é chima que não se roga;
Não ha mania nem sogá
Que a possa manter segura.*

LXVIII

*Se ouvia ao longe um ruido
Como de couro arrastando,
Ou de uma roda passando
No tablado de uma ponte;
E se approximava um monte
De nurens negras rolundo*

LXIX

*O temporal era certo,
Quem isto sabe não erra:
Um cheirinho assim de terra,
Que vem de lá não sei donde
Avisa que não se ronde,
Mas que se busque uma encerra,*

LXX

*Desde a vespra em reboliço,
A tropa custava a andar,
Inda está por se expricar
Que, muito mais que a gente,
De longe o animal presente
Que o tempo se vai mudar,*

LXXI

*O capataz foi adiante,
P'ra arranjar uma mangueira
Na estancia da Pitangueira,
Que era d'ali uma legua,
Foi uma sorte, chôegua!
Temporal não é brincadeira,*

1.

LXXII

*Foi o quanto deu p'ra encerrá
E desabou a tormenta,
Quanta vez um home aguenta
Aquella coisa medonha
Firme, porque tem vergonha,
Como quem toma agua benta,*

LXXIII

*Mui franco, o dono da casa,
Moço guapo e bonachão,
Offereceu logo o galpão,
Agua, lenha, mate doce;
Parecia até que fosse
A tropa de um seu irmão,*

LXXIV

*Inda o resto foi mais lindo:
Tinha a estancia muito china,
No galpão fez-se fachina,
Alimpou-se bem o piso;
E armou-se allí, nu'm proviso,
Um baile de reloncina,*

LXXV

*Ninguém contava c'o aquillo,
Que foi mesmo um refrigerio;
A gaita do tio Lauterio
Repinicava e gemia
C'um gosto... que parecia
Que tinha dentro um mysterio.*

LXXVI

*A's tantas veio o patrão
Ver c'o a família o fandango,
E disse: chega de tango
Que aqui a minha senhora,
Quer que lhe contem agora
A historia d'um tal Chimango.*

LXXVII

*P'ra todos se accomodarem
Veio de dentro a mobília;
Sentou-se a dona e a filha
E uma velha serigaita;
Lauterio esticou a gaita
E rompeu na seguidilha:*

LXXVIII

*Estancia linda era aquella,
Onde a vista se extendia
Por mais de una sesmaria
De campo todo gramado;
Era de fama o seu gado,
Quer de córte, quer de cria.*

LXXIX

*Lá não se via macega,
Tudo grama de forquilha
Trevo matto e flechilha;
Muita fartura de aguada;
Cada cerca d' invernada
De moirão de coronilha,*

LXXX

Tudo em orde e bem cuidado,
Cada coisa em seu logar;
Sabia o dono mandar
A peonada gau'cha.
O coronel Prates, cuêpucha!
Tinha um dom particular,

LXXXI

Era um homem de respeito,
Trabalhador, camperação;
Tinha firmeza no braço,
Na vista a mesma firmeza;
Pois, era aquella certeza
Quando sacudia o laço!

LXXXII

Boleava como um charrua
E nunca se atarantava;
Si, por acaso rodava,
Nem le prestava attenção;
Redea o cabresto na mão,
Fresco e de pé se aprumava.

LXXXIII

Se apparecia algum gringo
D'esses que vem lá d' Oropa,
Que não é qualquer que topa
E que entende o idioma ...
P'ra o coronel era broma...,
O mesmo que fazer tropa.

LXXXIV

E a peonada da Estancia! ...
Isso é que era de se ver !
Moçada guapa a valer,
Na porteira do curral,
Cada qual, com seu bagual,
A espera do amanhecer,

LXXXV

Gente campeira, d'aquella
 Que trabalha e não se agüecha,
 Destorcida e buenacha,
 Não era como a de agora,
 Que só vai a relho e espora,
 Lerda como mula guacha.

LXXXVI

Ao me lembrar d'esses tempos
 De tão grande bizzarria,
 Eu até já me esquecia,
 Como quem come mogango,
 Do nosso Antonio Chimango
 Quando da escola sahia.

LXXXVII

Não sahiu lendo por cima,
 Mas, um pouco soletrado;
 Ficou sendo um aperreado
 Como tantos que eu conheço,
 Que se vendem por bom preço
 Por terem pello pintado.

LXXXVIII

Ficou p'ra ali de vadio
 C'o a protecção do padrinho,
 Não sabia ir a um visinho
 P'ra levar qualquer recado;
 Era em tudo mui atado,
 E todo encarangadinho.

LXXXIX

Mas, vendo o coronel Prates
 Que se creava um remisso,
 Foi le inventando serviço
 Mesmo ali pelo terreiro:
 Cuidar porco no chiqueiro,
 Pagar agua num petição.

XO

Socar quiréra p'ros pintos.
Dar milho aos gallos de rinha,
Apalpar cada gallinha
P'ra ver as que tinham ovo;
Ouvir o que dizia o povo
Miudo, lá na eosinha.

XCI

D'esse officio elle gostava
Como peru' de cupim;
Subtil como borlantium
Desempenhava o papel
É informava o coronel
Tudo, tim tim por tim tim.

XCII

Tinha grande habilidade,
Com seu geitinho de mico;
P'ra fazer um mexerico
E armar com manha uma intriga
Logo que havia uma briga
Já le mettia no bico.

XCIII

Ía, ás vezes, ao rodeio,
O que raro succedia;
É o Chimango ali se via,
N'uma egua velha de empello,
Atacando o sinuelo...
Que era só p'ra o que servia,

XCIV

No que chegava do campo
O padrinho, elle já rente
O'o a chaleira d'agua quente
P'ra cevar o mate amargo;
A ninguem deixava o encargo,
Nem mesmo estando doente.

XCV

Sempre em grande actividade
Nas tamanquinhas rabonas,
Ora enchugava as caronas,
Ora ia limpar o apero,
Ou fazer isca p'ra o isqueiro
Ou puzar-le as russilhonas

XCVI

Assim foi, como o caruncho,
Que penetra n'um pau duro,
Abrindo aos poucos o furo
No bem querer do padrinho,
O Chimango era éspertinho
Em preparar o futuro.

QUARTA RONDA

XCVII

*O Camaquam ficou cheio,
Deitou agua campo fora,
Ali nos veio a caipora,
Que o destino a ninguem poupa:
Nem tempo p'ra mudar roupa,
Nem p'ra desatar a espora.*

XCVIII

*Quando o tempo ansim desaba
E a chuva bate de açoite,
Não ha peão que se amoite
Ou se deite na macega:
Porque a tropa não socega,
Quer de dia quer de noite.*

XCIX

*Arisca e redemoinhando
A tropa estava arengueira,
Se não fosse tão campêra
A peonada e de truz,
Tinha o dono feito cruz
Na marca e havido porquera.*

C

*Dia e meio ali ficou-se
Parado a beira da enchente,
Mas mui prompto, felizmente,
Foi-se apresentando a baiza,
Entrou, logo o rio na caiza,
Ansim muito de repente.*

CI

*Era signal de mais chuva,
Não havia que hesitar;
Tinha a tropa que passar
A nado e já, sem demora,
Pois, se não passasse agora,
O remedio era voltar.*

CII

*P'ra dar volta do caminho
Muita coraje é preciso!
Não é tanto o prejuizo,
E' a vergonha que se passa,
Com mais gosto a gente abraça
Uma cascavel de guiso.*

CIII

*O Lauterio era o ponteiro
E este tinha caracu';
N'um proviso se poz nu'.
Era como capivara,
E guasqueando o ma'ucara
Com seu robo de tatu,*

CIV

*Pinchou-se n'agua e gritou:
Façam cahir bem a ponta,
Que o resto é por minha conta;
Não tenho a pansa furada;
E foi cahindo a novilhada
Aos magotes meio tonta,*

CV

*O gado foi descambando,
Que a correnteza era forte:
Mas o dia era de sorte
E o Lauterio, buenacho,
Ganhou porto logo abaixo
Com todo'o primeiro córte,*

CVI

*Vendo a ponta do outro lado,
O resto frechou direito,
Não é lá quarqué sujeito.
Não é quarqué mutacobra
Que executa esta manobra
E passa um gado com goito,*

CVII

*Bondou-se perto do rio
E em riba d'um cacuruto
Acendeu-se um fogo bruto
P'ra a roupa a gente enxugar;
Estava tudo a pingar
Não se tinha nada enxuto,*

CVIII

*A noite ficou bonita,
A lua vinha nascendo:
E o Lauterio foi dizendo:
Amigos, este luar
Dá saudades de cantar...
E eu canto dês que m'intendo,*

CIX

*Inda tenho que dizer,
O canto não se acabou
Que vá dormir quem cançou;
Eu cantando é que descanço...
E o mulato ansim de manso
A historia racomeçou:*

CX

*Aos poucos foi o Chimango
Se prepassando a carancho
Ia fazendo o seu gancho
E arranjando o seu farnel
A sombra do coronel,
Caladinho e sem desmancho,*

CXI

*Era o mimoso da Estancia,
Todos reparavam n'isso;
Parecia até feitigo
Aquella predileção!
Tão grande era a protecção
Que recebia o magriço,*

CXII

De vagar se foi mettendo,
Todo cheio de mezura,
Como piolho em costura
Em tudo o que era da casa;
E ansim foi criando aza
Com marcha certa e segura.

CXIII

C'o tempo o coronel Prates
Se foi sentindo pesado;
Tinha muito trabalhado
N'aquella vida campestre,
Onde elle, com mão de mestre,
Tinha tudo preparado.

CXIV

Um dia chamou o Chimango
E disse: escuta, rapaz,
Vais ser o meu capataz;
Mas, tem uma condição:
As redeas na minha mão,
Governando por detraz.

CXV

Eu não quero ir mais ao campo,
Já estou ficando grisalho;
Porém, deixando o trabalho,
Sou sempre o dono da casa.
Tu vais recolhendo a vasa,
Eu manejando o baralho.

CXVI

Sei que tu és maturrango,
Porém, dou-te a preferencia,
N'isto está a minha sciencia,
Escolhendo-te entre os outros;
Elles sabem domar potros,
Mas, tu tens a obediencia.

CXVII

Toda a minha gente é boa
P'ra parar bem um rodeio,
Boa e fiel, já lo creio;
Mas, eu procuro um mansinho,
Que não levante o focinho
Quando eu for meter-le o freio.

CXVIII

Quero que me sirvas bem
E não me estragues o povo,
E's ainda muito novo,
Pode que te desconheçam:
P'ra que todos te obedeçam,
Eu te vou pôr um retovo.

CXIX

O retovo são conselhos
E normas de proceder,
Que tu precisas saber
E conhecer bem a fundo.
Todos vivem neste mundo,
Mas, poucos sabem viver.

CXX

Eu podia tomar outro
P'ra encarregar das prebendas;
Mas, para evitar contendas
E que briguem por engodos,
Pego o mais fraco de todos;
E ansim quero que m'intendas.

CXXI

Então chamou o Aureliano,
Pardo velho muito antigo,
Que conservava comsigo
Ansim como secretario;
Especie de relicario
De familia muito amigo.

CXXII

Tu, que és conhecedor
De como tudo se faz,
Ensina-me a este rapaz
As manhas de governar,
Que elle vae desempenhar,
O cargo de capataz.

CXXIII

Leva-o lá para o teu rancho,
Vae lhe ensinando os segredos;
Que elle só conta nos dedos
E não tem nenhuma practica;
Ensina-lhe a tua grammatica
P'ra desmanchar os enredos.

CXXIV

As ordens foram cumpridas
Desde logo a todo o risco
O Aureliano era um corisco,
Finorio matriculado,
Mulato velho marcado,
Devoto de S. Francisco.

CXXV

A sombra de uma figueira
Sentados n'um cabeçalho,
O Aureliano, sem atalho,
Disse: agora meu menino,
Eu te vou dar o ensino,
Do que aprendi no trabalho.

CXXVI

P'ra pegar um pescocciro
Que ha sempre algum na tropilha,
Desses que pouco se ensilha,
Não precisas ter cansaço;
Que os bobos puxem o laço,
Fica-te tu na presilha.

CXXVII

Quando um erro commetteres
(O que bem se pode dar)
Não deves ignorar
Como se sahe da rascada:
A culpa é da peonada;
O patrão não pode errar.

CXXVIII

Quando vires um peão,
Mesmo o melhor no serviço,
Ir pretendendo por isso
Adquirir importancia...
Bota p'ra fora da Estancia
Mas, sem fazer reboliço.

CXXIX

A regra é — cabresto curto —
P'ra ter tudo nos seus eixos;
Sofreção pelos queixos,
De vez em quando, convem...
Mesmo aos que procedem bem
Queixa-te dos seus desleixos.

CXXX

Cada qual tem o seu fraco
E tambem sua pereva,
E' por ahi que se os leva,
Mas, sem dar a perceber;
Está tudo em se metter
Com geito o porco na seva.

CXXXI

Predominar sobre todos,
E mandar com muito arrojo;
Da adulação não ter nojo,
E tirar d'ella partido.
Fica d'isto convencido:
Quem ordenha bebe o apoio.

CXXXII

Não percas isto de vista:
C'os cotubas ter paciencia,
C'os fracos muita insolencia,
Com milicos muito geito;
Não ter amigos — do peito;
N'isto está toda a sciencia.

CXXXIII

Dizem que não crer é bom,
P'ra quem ser forte deseja;
Mas tu debes ir á igreja
Bater nos peitos tambem;
E te fará muito bem
Pedir que ella te proteja.

CXXXIV

Tu vais receber a Estancia
E dirás a toda a gente
Que tu és logar-tenente,
Que vais mandar como dono;
Mas não penses que este abono
Seja moeda corrente.

CXXXV

Conhece bem teu papel,
Não largues da mão o prumo,
Por ti só não dêes o rumo,
Nem resolves por ti só;
Tu carregas o bocó
E o dono é quem pica o fumo.

CXXXVI

E para te conservares,
Tu que na lida inda és grego
É desfructares o emprego
Sem barulho e sem tropel...
Cuidado com o coronel,
Não pises fora do rego.

CXXXVII

Deste modo é que o Chimango,
Que não valia um cigarro,
Foi tirando o pé do barro
C'uma potra nunca vista
É alevantando a crista,
Puxando grosso o pigarro.

CXXXVIII

Por aquelle visindario
Correu logo a novidade.
Mas, será mesmo verdade?
O coronel ficou louco!
Como se metteu no coco
Tamanha barbaridade?

CXXXIX

Mas, o certo é que o Chimango
Foi logo colhendo a linha;
Não entrou mais na cosinha
É se ausentou do galpão;
Deu até p'ra guapetão
Elle que era uma gallinha,

CXL

Toda a gente de S. Pedro
(Assim se chamava a estancia)
Com alguma relutancia
Foi acceitando o intruzo,
Que o coronel p'ra seu uzo
Encheu de tanta importancia.

CXLI

O povo é como o boi manso,
Quando novilho atropela,
Bufa, pula, se arrepela,
Escrapetea e se zanga;
Depois... vem lamber a canga
E torna-se amigo d'ella.

CXLII

Home é bicho que se doma
 Como qualquer outro bicho;
 Tem, ás vezes, seu capricho,
 Mas, logo larga de mão;
 Vendo no côcho a ração,
 Faz que não sente o rabicho.

CXLIII

Tambem e'ò aquella mudança
 Ninguem notou differença,
 Ficaram todos na crença
 Que o dono é quem dirigia;
 O que o Chimango fazia
 Dependia de licença.

CXLIV

Tinha as pennas de pavão,
 Mas não passava de gralha,
 Era figura de palha
 Para espantar passarinho;
 Armação de pau de pinho
 Que nem serve p'ra cangalha.

CXLV

Ou por sorte, ou por feitiço,
 Ou capricho do destino,
 O certo é que o teatino
 Tornou-se em fim um grande
 Chegando a abocanhar tudo,
 Tornando-se um pente fino.

CXLVI

Foi ansím como les conta,
 Neste fogão, junto ao rio,
 Quem muita coisa já vio
 Quer na guerra, quer na paz;
 Chimango foi capataz
 Por muitos annos a fio.

QUINTA RONDA

CXLVII

*Tanto a gente como a tropa
Vinha muito aborrecida
D'aquella marcha batida
Por dentro de um corredor,
O alambrado é um pavor
P'ra quem anda nesta lida.*

CXLVIII

*N'essas estradas pelladas,
A's vezes, o dia inteiro,
Em marcha o pobre tropeiro
Não sabe o que ha de fazer;
Nem agua para beber
Mesmo a custa de dinheiro.*

CXLIX

*Mais valia andar sem poncho
E tropear durante o inverno
Que metter-se nesse inferno
De cercas que não tem fim.
Mas, que seja tudo ansim...
Que bem l'importa ao governo?*

CL

*O trpoeiro que se amõe,
Ou mude de profissão;
Que o governo tem função
Mais nobre a desempenhar:
Gente p'ra qualificar
E os preparos da eleição.*

CLI

*A ronda foi num cargado,
Que já tarde se alcançou;
Nniguem d'ali se afastou
A ver que se accommodasse
A tropa e enfim se deitasse
O que muito demorou.*

CLII

*A noite tornou se escura,
Nenhuma estrella no céu;
De repente um escarcéo
Brotou ali n'um costado:
Era um matungo enredado
Nas rodilhas de um sovéo,*

CLIII

*E' n'um vá, deu-se o estouro...
Que parecia taquara
Estralando na coivara
N'um fogo que o vento atêa,
Amigos, é coisa feia
Quando uma tropa dispara!*

CLIV

*Era só aspa batêdo
No meio da escuridão,
Tropel das patas no chão,
Os gritos de — volta! volta!
Como um raio que se solta
Do ribombo de um trovão,*

CLV

*Nas trevas da negra noite
O gaucho destemido
Corre, seguindo o ruído,
Sem medo ou temor da morte:
E vai, sem rumo e sem norte
Guiado só pelo ouvido,*

CLVI

*Não tem que esperar soccorro
V'aquelle immenso perigo:
No cavallo tem o amiao
Em quem se pode fiar
E, no mais, é atropelar.
Contando apenas consigo,*

CLVII

*Dês que a tropa dá o estouro
Não tem que fazer mais conta,
É' ter a decisão prompta,
Batiêr na marca sem susto,
Até que, com muito custo,
Consiga chegar á ponta.*

CLVIII

*Nisto é que está o busilis,
Que não depende de ensino:
Saber tomar um destino
E não se apertar no apuro,
Poder guiar-se no escuro
É nunca perder o tino.*

CLIX

*Dutante a manhã seguinte,
Foi chegando de vagar
O que se poude atacar
N'aquelle esparramo louco,
Que não faltava tão pouco,
Viu-se, depois de contar.*

CLX

*O dia estava perdido,
Poz-se a tropa em pastoreio,
A fim de pedir rodeio
Nas estancias de mais perto,
Que o que faltava, por certo,
Estava n'aquelle meio.*

CLXI

*N'isto apontou na coxilha
N'um passito demorado,
Com sua ponta de gado
O nosso Lauterio velho:
Vinha rebolando o relho,
No seu lubuno cançado.*

CLXII

*E quando chegou mais perto,
Gritou, no tom folgazão,
—Virou-se o barco, patrão?
—Qual é a falta que tem?
“De trinta, se contei bem.
—Pois, esses trinta aqui estão,*

CLXIII

*D’ali a umas oito quadras
Uma pequena invernada,
Toda de pedra cercada,
De um tal Maneca Vintem,
Quadrava-se muito bem
P’ra uma encerra bem folgada.*

CLXIV

*Depois de acertar-se o preço
C’o dono que era gallego
E que tirava o pollego
De um pobre necessitado,
Tudo ficou arranjado
P’ra uma noite de socego.*

CLXV

*A encerra foi feita cedo,
Pois que não faltava pasto,
Para aproveitar o gasto,
E dar um descanso á gente
Que, apesar de ser valente,
Já vinha meio de rasto.*

CLXVI

*O tal dono da invernada
Tinha tambem um boliche,
Negocinho muito miche,
Fumo, cachaça e mais nada:
E, de noite, a peonada
Veio ali, de ponto fixe.*

CLXVII

*Disse um: isto está mui triste,
Com ares de cemiterio;
Não é p'ra jogar o serio
Nem p'ra rezar por defuntos
Que nós aqui stamos juntos,
Que le parece, Lauterio?*

CLXVIII

*Que vancês querem a historia
E pensam qu'inda sou frango.
Eu por isso não me zango
Porque gosto de cantar,
Mesmo é preciso acabar
A historia do tal Chimango.*

CLXIX

Um dia... , ansim de repente,
Esta noticia correu:
—O coronel Prates morreu!
A muitos custava a erer;
Como havia de morrer,
Se elle nunca adoeceu!

CLXX

Foi um choque em toda a parte,
Ninguem por tal esperava;
O coronel se finava,
Sem que o soubessem doente;
E ansim foi que muita gente
Ao principio duidava.

CLXXI

Infelizmente era certo,
Foi um desgosto geral;
Ninguem sabia do mal
De que o coronel soffria,
E que elle talvez encobria
Por saber que era fatal.

CLXXII

Toda a Estancia de S. Pedro
Ficou como atordoada.
Si ha morte que foi chorada
Devia ser como aquella;
Quando a gente pensa n'ella
Parece um sonho e mais nada.

CLXXIII

O coronel tinha feito
Em vida o seu testamento;
E foi o seu pensamento
Deixar tudo repartido
Aos que le tinham servido
Com grande devotamento.

CLXXIV

P'ra não dividir-se a Estancia,
Ao tempo em que fallecesse,
Que a peonada escolhesse
Dentre si o mais sizudo,
Que este administrasse tudo
E que o resto obedecesse,

CLXXV

N'aquolles dias tão tristes
A Estancia marchava a esmo,
Ninguem cuidava em si mesmo,
Era tudo pranto e luto;
Mas, o Chimango era astuto
E foi juntando o torresmo.

CLXXVI

Como capataz que era
Tinha a sua camarilla,
Que escorava de forquilha
Seus projectos de ambição;
A quem tem poder na mão
Nunca lhe falta a matilha.

CLXXVII

E o acaso aproveitando,
N'aquella situação bruta
De andar longe em recruta
A peonada mais guapa,
Tomou tudo e até a inhapa
Sem ter trabalho nẽm lucta.

CLXXVIII

Fez um simples arremedo
De proceder-se a uma escolha
C'um grupinho muito rolha.
Que ageitou ali por perto;
E até houve algum esperto
Que se assignou n'essa folha.

CLXXIX

E os outros, que estavam longe,
Quando tiveram noticia
De toda aquella pericia
Com que se apossou da Estancia,
Tiveram repugnancia
D'irem queixar-se á policia.

CLXXX

E tudo ficou por isso!
Até parece mentira
Que semelhante mambira
Assim passasse o boçal
E atasse tanto bagual
C'um cabrestinho d'imbira.

CLXXXI

Logo a principio o Chimango
Vio-se todo atarantado,
Pois quem sempre tem andado
A comer por mão alheia,
Em qualquer cipó s'enlêa
E fica logo enredado.

CLXXXII

Quem nasce p'ra ser mandado
Já traz marca na picanha;
E não dança a meia-canha
Sem que outro toque a viola;
Sempre a cabresto e na cóla;
Andar só é que elle extranha.

CLXXXIII

Antigamente, da Estancia
Um certo José Turuna
Que havia feito fortuna
Do coronel protegido,
P'ra outros pagos tinha ido
Morar nos campos da Tuna.

CLXXXIV

Era um gau'cho atrevido
Quer de a pé, quer de a cavallo;
Cola atada ao cantagallo;
Prata em penca na guaiaca,
Dispondo de mnita vacca,
Levava a vida em regalo.

CLXXXV

Tinha uma estancia aceada,
Galpão coberto de zinco,
Mangueiras, tudo era um brinco;
Não perdia uma carreira;
Se um le batia — primeira, —
Ja tinha — o cincoenta e cinco.

CLXXXVI

Astuto por natureza,
Com fama de valentia,
O certo é que elle sabia
Impôr c'um ar soberano
E sempre ganhar de mano
No jogo em que se mettia.

CLXXXVII

Tinha atrevimento e sorte
 E muita liga consigo;
 Geito de caudilho antigo;
 Por bom modo ou a sopapo,
 No que não fosse bem guapo
 Punha logo pé-de-amigo.

CLXXXVIII

Sobre a estancia de S. Pedro
 Fundava grande esperança
 De a receber por herança,
 Por morte do coronel;
 Mas, sem fazer arranzel
 Deu outro geito na dança.

CLXXXIX

Fez que não deu pela coisa
 Armada pelo Ohimango;
 Sabia que aquelle frango
 Esporas mesmo não tinha,
 Não aguardava uma rinha
 Nem sustentava um fandango.

CXC

Fez-le muitos cumprimentos,
 Muita festa, muito enguiço;
 Até mandou-lhe um petico.
 E n'elle o dar era raro;
 Gau'cho de muito faro
 P'ra amanunciar um noviço.

CXCI

O Chimango derreteu-se,
 Encheu de vento o bandulho,
 Empanzinado de orgulho
 Por ter aquella columna
 P'ra garantir-de a fortuna
 E evitar qualquer barulho.

CXCII

Tinha achado um grande alivio,
Um verdadeiro thesouro;
Quem le defendesse o couro,
Quem lhe garantisse o mando,
Ainda mesmo se arriscando
A ouvir algum desaforo.

CXCIII

Entre os dois fizeram-vacca
No jogo c'ò a peonada
E tendo a sorte escorada
Um em S. Pedro, outro em Turuna;
Mas, a final, o Turuna
Foi quem ficou c'ò a parada.

CXLV

Nem podia ser por menos:
Chimango era um pobre rato
Mettido a jogar c'ò gato;
Como havia de ter lucro?
C'ò aquelle turuna chucro...
Nem jogo a leite de pato.

CXCV

Os annos foram passando
E o Chimango no poleiro,
Combinado c'ò parceiro
E sem mais ouvir conselho,
Foi levando tudo a relho
Sem resistencia e folheiro.

CXCVI

Tudo o que era de valor
D'aquella gente campeira
Que tinha feito carreira
Quando o coronel vivia,
Não vale nada hoje em dia,
Não passa de bagaceira.

CXCVII

Pobre Estancia de S. Pedro
Que tanta fama gozaste!
Como assim te transformaste
Dentro de tão poucos annos,
De destinos tão tyrannos
Não ha ninguem que te afaste!

CXCVIII

Qu'ê da tua cavalhada,
Qu'ê d'aquelle lindo gado
Escolhido e bem creado
N'aquelles campos de lei,
Onde o gaucho era rei
E agora é negro surrado?

CXCIX

Na mão do triste Chimango
O arvoredado está no matto;
O gado...é só carrapato;
O campo... chejo de praga,
Tudo depressa se estraga,
No poder de um insensato.

CC

Os açudes arrombados,
As invernadas abertas;
As varges estão desertas,
Onde o gado andava em pontas;
E ali só se fazem contas
Por debaixo das cobertas.

CCI

Dizem até que o Chimango,
Apesar de baptisado,
Vive como renegado
E deixou de ser christão;
Que tem outra religião,
Na qual anda enfeitado.

CCII

E n'essa tal bruxaria,
Em vez de Nossa Senhora,
Uma outra mulher adora
Que tem um nome estrangeiro;
(Em portuguez é — terneiro —
Segundo ouvi cá por fora.)

CCIII

Dizem que é boa irmandade,
Mas, eu que nada sei disto,
Me vou ficando com Christo
E c'o a virge do Rozario;
Pois que neste mundo vario
Muita coisa se tem visto.

CCIV

Porém, da tal novidade
Muito gandulo aproveita
E tem logo a cama feita,
Si se diz da devoção ;
Si é desta laia o peão
O Chimango não regeita.

CCV

Com a tal religião nova
Tudo é possível fazer;
Basta o Chimango querer
E não ha mais embaraço;
Quem resmunga vai p'ra o laço,
Pois a regra é obedecer.

CCVI

E ansim, tudo na Estancia
Vai mermando de vagar,
Tudo de pernas p'ra o ar.
Nem tem mais vergonha a gente;
Mas, o Chimango... contente
Que é coisa de admirar!

CCVII

E tudo mais em S. Pedro
Vai morrendo, pouco a pouco,
A manotâços e a sôco
Rolando para um abysmo;
Pois c'o tal positivismo,
O home inda acaba louco.

CCVIII

O desmando vê-se em tudo,
Não é só na criação;
Parece, por maldição
Que deu-le o tangolomango,
Pois, até quer o Chimango
Que não se plante feijão.

CCIX

E se plantar, não se venda;
Quem o vender vai p'ro rol;
E isto é feito á luz do sol,
Que ansim quer o seu capricho!
Feijão é p'ra^{ra} criar bicho
E apodrecer no paiol.

CCX

Deu-lhe a veia p'ra embirrar
Com tudo o que põem-se á mesa;
Até a batata ingleza
Das iras não lhe escapou.
Quanta batata grelou
Ninguem sabe com certeza.

CCXI

Os seus pobres agregados
Não sabem mais que plantar,
Pois não cessa d'embirrar
C'o feijão, batata, arroz...;
Só falta que elle depois
Não deixe a gente carnear.

CCXII

Ninguem dizer sabe ao certo
Quando isto ha de ter um fim,
Que a continuar tudo ansim,
Como agora tem andado,
Mande esparramar o gado,
E faça arrancar o capim.

CCXIII

E aqui le ponho o arremate
Na presilha desta historia,
Que um outro tenha a victoria
De cantar n'algum fandango
O mais que fez o Chimango
P'ra levar S. Pedro á Gloria.

Originais de "Antônio Chimango"

Oferta de Petrônio Barcelos, filho de Ramiro Barcelos, ao seu sobrinho Augusto Meyer, para elaboração de uma edição definitiva, com estudo crítico, notas e um apêndice com variantes e sextilhas inéditas, não aproveitadas ainda no texto

SÃO ao todo setenta e sete folhas, escritas do punho de Ramiro Barcelos. Ramiro aproveitou as folhas impressas de um termo de procuração destinado a seus representantes junto às mesas eleitorais, para redigir nas costas em branco o "Antônio Chimango". Recortou as folhas em tiras, ou meias folhas, às vezes limitou-se a dobrá-las pela metade. São portanto setenta e uma tiras e seis folhas inteiras, dobradas, algumas escritas de ambas as faces.

Há muitas emendas e variantes, o que revela uma elaboração conscienciosa do poema. A conservação dessas emendas e variantes, nos preciosos originais, permite uma reconstituição minuciosa do trabalho do autor.

Notam-se, a um exame atento, dois estádios do poema que não coincidem inteiramente com a versão impressa, isto é, um primeiro esboço, com três folhas escritas a lápis e algumas folhas a tinta, tôdas elas crivadas de corrigendas; e uma segunda versão já com numeração corrida, inclusive a numeração romana das estrofes, a qual muito se aproxima da versão definitiva, tal como aparece no texto impresso. Mas devia de haver ainda um manuscrito definitivo, que serviu de base a composição tipográfica.

Além de muitas variantes de importância, há várias sextilhas não aproveitadas pelo autor, inteiramente inéditas. Todo um episódio, referente à doença do coronel Prates, deixou de ser incluído na versão definitiva.

A "Oferta", em sua forma original, contava mais três estrofes, sendo que duas sextilhas podem ser consideradas da maior importância para esclarecer as origens do poema e sua motivação psicológica.

Petrônio Barcelos pôs, também, à disposição de Augusto Meyer um precioso arquivo, com documentação original, inclusive o original dos artigos de Ramiro Barcelos, publicados no "Correio do Povo", em resposta aos ataques de "A Federação", documentação referente aos trabalhos da Barra do Rio Grande e diversas cartas e recortes de jornais da época. Nessa correspondência, convém mencionar quatro cartas de Borges de Medeiros, escritas de seu punho, e dirigidas a Ramiro Barcelos.

Baseado nessa documentação, Augusto Meyer prepara um novo estudo crítico sobre Ramiro Barcelos, especialmente sobre a obra-prima da nossa poesia gauchesca.

• NOTAS SOCIAIS •

ANIVERSARIOS

Fazem anos hoje: As senhoritas — Herculina Limeira, filha do finado major Hercules Limeira; Silvia Coll, filha do dr. Natan Coll; Nair Zani, filha do sr. Virgilio Zani.

As senhoras — Noema Duarte, esposa do dr. Azais Duarte; Augusta Decker Schuller, esposa do sr. Alfredo Schuller; Marina Salamoni, esposa do sr. Eugenio Salamoni; Catarina Orvec Blasina, esposa do sr. Rodolfo Orvec; Diva Azevedo, esposa do sr. Oscar Azevedo; Tereza Pereira Freitas, esposa do sr. Orlando Freitas.

OS senhores — dr. Vitorino San Martin, Cristovão Anicet, dr. Hilodobrando Varnieri; Arthur d'Elia, Adeodato Oscar Garcia, Manoel José da Rocha, Podalirio Ferreira Porto, Joaquim Soler, Evaldino Rodrigues Assunção, nosso companheiro Kleber Borges de Assis, Aristides F. de Oliveira.

As meninas — Clelia Gerri, filha do sr. Arnaldo Zubaran; Meri Catarina, filha do sr. Jesus Coronas; Magall, filha do sr. Leanco Vieira Fraga; Helena Beatriz, filha do sr. Galileu Dutra Vila; Elizabeth, filha do sr. Carlos Figueiredo.

Os meninos — Enio, filho do sr.

sra. Lourdes Satt Carvalho, e o dr. Alexandre Antunes Loureiro, medico em Porto Alegre, filho do sr. Antenor P. Loureiro e sra. Maria Antunes Loureiro.

O ato religioso, a realizar-se às 10 horas, na igreja de São Pedro, sendo paraninfado, por parte da noiva, pelo sr. Luiz Satt e sra., sr. Antonio Satt e a srta. Maria Antonieta Queruz, e o sr. Armando Carvalho e sra.; e por parte do noivo, pelo sr. Antenor P. Loureiro e sra., engenheiro João Antunes Loureiro e sra., e sr. Moysés Antunes da Cunha e sra.

O ato civil, será paraninfado, por parte da noiva, pelo sr. Sadik Kanan e sra., sr. George Queruz e sra. e dr. João Satt e sra.; e por parte do noivo, pelo sr. Zeferino Baptista e sra., sr. Sérgio Satt e a srta. Maria Antunes Baptista e arquiteto Manoel Meira e sra.

Os parentes e testemunhas serão recepcionados pelos pais da noiva, no restaurante do Hotel Umbu.

Os noivos seguirão em viagem de nupcias para o Rio de Janeiro.

Mirian Pires-Nelson Korman — Realiza-se hoje, nesta capital, o enlace matrimonial do sr. Nelson Korman, filho do sr. Adão Korman e esposa, com a srta. Mirian, filha do sr. Antenor Simões Pires e esposa.

O ato civil terá lugar pela ma-

CENTENARIO DE RAMIRO BARCELOS

Reverenciada a memoria daquele saudoso médico pelo Instituto Historico e Geografico

do R. G. S. 25-8-1951

O Instituto Historico e Geografico do Rio Grande do Sul em sua reunião realizada terça-feira ultima, reverenciou a memoria do dr. Ramiro Barcelos, cujo centenario de nascimento passou a 25 do corrente.

Formado em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, em 1874, o dr. Ramiro Barcelos foi chefe de clinica cirurgica do Hospital da Santa Casa desta capital, no qual exerceu as funções de provedor, bem como lente de clinica propedeutica na Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Foi deputado à Assembleia Provincial pelo Partido Liberal, de 1877 a 1881. Após, tomou parte activa na propaganda da Republica, destacando-se no jornalismo, com o pseudonimo de Amaro Juvenal.

Proclamada a Republica, foi o dr. Ramiro Barcelos nomeado ministro plenipotenciario e enviado extraordinario do Brasil

em Montevideo. Eleito para o Senado Federal, em 1890, ali representou o Rio Grande do Sul até 1906, ano em que renunciou ao mandato, dedicando-se às suas actividades particulares. Em 1915, disputou a cadeira senatorial ao marechal Hermes da Fonseca, não sendo eleito. Faleceu, nesta capital, a 28 de janeiro de 1916.

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).